

# Um Congresso melhorado

ALEXANDRE GARCIA

Quem tiver observando o trabalho do Congresso Nacional neste primeiro semestre deve estar cheio de esperança e otimismo. Para os padrões parlamentares mundiais, este Congresso está muito bom. Afora exceções ridículas e lamentáveis, de parlamentares que não se sentem constrangidos em assinar cartas pedindo nomeações de parentes ao Governo Federal, afora essas e outras exceções, o Congresso está mudado, preocupando-se com os problemas do País, discutindo com seriedade as reformas constitucionais. Ninguém poderá acusar o Congresso de não ter ouvido os dois lados em todas as questões. O resultado final é positivo: os ultraconservadores são minoria de 25% e os progressistas estão lá por 75%. Por este semestre, a gente pode ficar cheio de esperança.

A origem das mudanças está na opinião pública, que já não suporta os vícios do clientelismo, do assistencialismo, do corporativismo, da mentira e da corrupção. A origem das mudanças também está no eleitor que escolheu os congressistas. Mas também o eleitor precisa mudar. "Quando vai escolher um de-

putado, o eleitor exige que ele se comprometa com a ética. Mas quando elege seu deputado, muitos eleitores acham que ele é o intermediário para tirarem vantagens pessoais e obterem jeitinhos, como conseguir emprego público sem concurso para um filho, ou garantir uma aposentadoria facilitada", queixa-se o deputado Ney Lopes.

Na verdade, o eleitor ainda precisa se livrar daquela cumplicidade com o político, descoberta pela socióloga e pesquisadora Maria Lúcia Victor Barbosa. Durante o ano todo, o eleitor percebeu que nada vale. Mas, no dia da eleição, descobre que vale igual ao Antônio Ermírio de Moraes: um voto. E resolve tirar partido disso. E aí a gente vê que os vícios não são apenas dos políticos; são também de eleitores. Assim, para mudar o Brasil não basta mudar os políticos: é preciso mudar também os eleitores. É um egoísmo mercantilista e interesseiro votar em alguém perguntando "o que pode ele fazer por mim?". A pergunta deve ser: "O que pode ele fazer pelo meu País, pelo meu estado, pelo meu município, pela minha cidade?". O eleitor que põe

o seu interesse pessoal antes do interesse coletivo reza pela mesma cartilha do político que põe o interesse coletivo atrás do interesse pessoal.

E os políticos — é claro — poderiam se ajudar a não serem importunados pelo clientelismo. Na campanha, bem que poderiam catequizar o eleitor sobre o que é dinheiro público. Poderiam explicar que, como os governos não criam riqueza, o dinheiro que os governos têm é tirado dos que trabalham e produzem. Assim, se o deputado quiser dar alguma coisa a alguém, não poderá ser com o dinheiro do povo. Por fazer caridade com o dinheiro do povo, muitos perderam o mandato, na memorável CPI do Orçamento que ajudou também a promover as mudanças que hoje saudamos.

O poder Legislativo — Senado, Câmara Federal, Assembléia Estadual, Câmara dos Vereadores — é a cara do eleitor. E o eleitor, a cada eleição, tem a oportunidade de fazer uma cirurgia plástica, se não gostou da cara.

■ Alexandre Garcia é jornalista